

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.ºs) 15000 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.
 FORA D' AVEIRO: anno (50 n.ºs) 15125 rs.; semestre (25 n.ºs) 570 rs.
 BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental anno... 15500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 15 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 20 rs.
 Numero avulso 30 rs., ou 100 rs. no Brasil.
 Redacção e administração — rua Direita.

E' nosso correspondente no Pará o sr. José Maria Lettra, morador no Largo de D. Izabel, mercearia PRIMAVERA. O mesmo Sr. está auctorizado a tratar quaesquer negocios concernentes á empresa d'este jornal.

A VEIRO

VIDA NOVA

Se o sr. Magalhães Lima e algum outro homem verdadeiramente democrata que conserve no partido republicano a popularidade e o prestigio que aquelle tem sabido adquirir, se resolve definitivamente a entrar n'um bom caminho, empregando os seus esforços na constituição d'um agrupamento poderoso, independente e serio, não será difficil que a grandissima maioria da nação se convença em curto praso de que só se poderá salvar com o regimen democrata. O principio absoluto de que os homens nada valem e de que as edêas são tudo, é falsissimo. Os homens valem de muito para afirmar com segurança na pratica os principios theoreticos, para empunhar com valentia as redeas do governo, para arrancar esta pesadissima nau dos escolhos em que se metteu ha mais de dois seculos e attrahir a si a multidão com a confiança que lhe inspire. Sem homens é que se não faz cousa nenhuma, ou antes, faz-se com que se desacreditem os principios e augmentem o scepticismo ou o desalento do paiz. Mas homens ha-os na grande massa, a massa anonyma, a massa ignorada. Faltam chefes com prestigio que os chamem a si, os eduquem na escola da boa democracia e os tornem conhecidos. Quer o sr. Magalhães Lima, o sr. Jacintho Nunes ou algum outro rarissimo honesto desempenhar esse papel, esse brillantissimo papel na sociedade portugueza? Se quizerem, prestam com isso um extraordinario serviço não só ás edêas democratas, mas á patria que é mais alguma cousa. E então isto marcha, isto vae para deante. Se não quizerem, a podridão alastra-se, a dignidade desce, a descrença sobe de ponto, a patria continua a desfinhar e o povo irá repetindo consciante: — taes são uns como são outros.

Ha tempos, fez um anno em Maio ou Junho passado, atacámos n'esta folha independente a chefatura do partido. As nossas palavras severas, frias, mas meditadas, fizeram o effeito do raio. Uns se espantaram, outros vomitaram, outros se indignaram. Quem era o petulante, o desco-

nhecido, o misero que ousava investir com os santinhos da egreja republicana?

Fômos-nos rindo na nossa ignorancia, seguimos para deante e deixámos ao tempo o cuidado de nos dar razão. E o tempo deu-nos razão!

Um anno depois voltámos á carga. Horror! O desconhecido era um redactor do *Seculo*, que assettearam por todos os lados. Era em vespersas de eleições, nas quaes entrámos com decidido empenho, e accusaram-nos de introduzir a indisciplina no partido. Qual indisciplina? Nós não costumámos procurar occasião para dizer as cousas e entendíamos até e entendemos ainda que as maiores verdades se devem dizer em vespersas dos maiores acontecimentos. A votação republicana foi de facto alem dos nossos calculos, como foi alem dos calculos de todos os republicanos; mas a ineptia, o desleixo e a incuria do directorio tambem foram alem de todos os calculos feitos. Que o digam as provincias e com especialidade o districto de Aveiro!

De modo que enquanto o partido subia, a chefatura descia.

O redactor do *Seculo*, a quem se permittiam todas as liberdades, excepto a liberdade de pensar o que entendesse dos santos da egreja republicana, depunha o seu cargo nas mãos do sr. Magalhães Lima e sahia d'aquelle jornal com a mesma altivez, a mesma independencia com que lá tinha entrado. Não queria coartada a sua liberdade jornalística e esperava entretanto que o tempo lhe dêsse razão. E o tempo de novo lhe deu razão, como se vê.

Hoje é o proprio sr. Magalhães Lima que ataca no coração alguns chefes do partido, enquanto os clubs se agitam n'uma impaciencia mal contida contra o directorio!

Não podia deixar de ser e ainda bem que se procura vida nova. Quem conhecesse a marcha do partido nos ultimos tempos e tivesse dedicado aos chefes minucioso estudo, se era justo e sensato teria de reclamar por força outro trilho e outra meta; e os clubs teriam de reconhecer mais tarde ou mais cedo os effeitos d'uma direcção frouxa, hesitante e incoherente. Assim foi.

E na verdade, como poderia um directorio onde a par do sr. Theophilo Braga e do sr. Magalhães Lima se encontravam os srs. Elias Garcia e Lisboa, dar cohesão, energia e força ás suas decisões? Como é que o sr. Theophilo Braga havia de harmonisar as suas theorias federalistas e positivas, com o conservantismo ferrenho d'alguns dos seus collegas? Como é que o sr. Magalhães Li-

ma, revolucionario e radical, poderia estar enlaçado com os srs. Elias Garcia e Lisboa, ultra commodistas e ultra conservadores? Impossivel; aquillo tinha de rebrantar um dia como uma peça ferrugenta.

O directorio fôra condemnado na origem, ao surgir á luz! E d'ahi a impossibilidade em que se tem visto até agora de formular o programma geral do partido. Pois como se ha de accôrda n'um programma geral com elementos tão hecterogeneos e diversos?

Torna-se por conseguinte, necessaria vida nova. Não diremos que se lancem á margem os elementos conservadores. Mas é impreterivel que se definam os campos e se juntem d'um lado e do outro os de tendencias variadas. Principios definidos, processos á parte, e depois um accordo commum para o fim commum: — a proclamação da Republica. Ao mesmo tempo é preciso salvar responsabilidades, e que o povo saiba o que queremos, o que faremos e o que somos. Caldos sujeitos na mesma panellinha não aceitámos, quando mais não seja por amor da hygiene.

EXPLICAÇÕES

A carta que se vae ler é indispensavel para esclarecer de todo a conducta do nosso querido amigo Francisco Christo n'um triste negocio de que para ahi se tem fallado. Só elle poderia dar as explicações preciosas que se encontram abaixo e só por esse motivo as publicámos n'esta occasião, mesmo porque perderia o seu interesse em outro momento. O nosso querido amigo teve o maximo cuidado em não dirigir palavras d'insulto a quem está preso, não obstante lhe poderem pedir satisfações d'aqui a poucos dias, e affirma-nos que não publicaria até uma carta e um bilhete que dirigiu ao dr. Mello Freitas, se este os não lesse, com pasmo de toda a agente em pleno tribunal. Em taes condições, podem esses documentos correr mundo. Segue a carta:

Meus amigos:

Tendo um homem chamado Joaquim de Mello Freitas, que ligou para sempre o seu nome ás misérias d'essa terra, envolvido a minha pobre individualidade n'uma policia correccional que se julgou ahi no dia 15 do corrente, vejo-me obrigado por desgraça a umas certas explicações que possam destruir as asserções mentirosas d'esse individuo e que espero serão as ultimas n'este campo. Vamos a ellas.

Declarou o dr. Mello Freitas na sua exposição judicial:

«Que tendo sabido no jornal *Povo de Aveiro* uma local não assignada em que do alguma forma se implicava com elle queixoso, elle se julgara obrigado pela sua posição de collaborador d'aquelle jornal a defender-se das insinuações que lhe eram dirigidas e que a voz publica dizia que com effeito tendiam a ridicularisar a elle declarante; que n'aquelle intuito publicou um artigo *nada offensivo* (o grifo é meu) para ninguém sem indicação de pessoas a que se referisse e no proposito de mostrar não só as suas edêas quanto á forma social, mas principalmente para discutir quanto é facil de baixo do anonymo aggreddir directamente pessoas que não podem vir mesmo a campo defender-se visto que se acham descobertas pelas indicações categoricas dos taes artigos de verrina sem assignatura; que em resultado d'este artigo houve da parte de Francisco Christo uma carta dirigida ao declarante em que se considerava melindrado, quasi insultado pelo artigo que o declarante publicara e em que ameaçando-o com um conflicto pessoal o convidava a apresentar-se no lado occidental do passelo publico; que o declarante acompanhado por Fernando Christo e apezar das ameaças da carta *não trepidou um instante* (o grifo é sempre meu) sem dirigir-se ao local aprasado, e que n'elle trocadas varias explicações em que Francisco Christo affirmava que na pequena local do *Povo de Aveiro* não havia o menor proposito de offensa para o declarante e em que affirmava tambem que seria uma deslealdade que n'aquelle jornal sem mais nem mais se offendesse um collaborador, immediatamente o declarante levado por uma generosidade de que no domingo havia logo de arreponder-se: *consentiu* que se discutisse e rebatesse as proposições avancadas pelo declarante no seu artigo do *Districto de Aveiro*, com a conjeção *uauca, expressa, positiva e categorica* de que o não ridicularissem nem offendessem n'aquillo que um homem se pressa e que pressa a consideração publica e tinha por sagrado o invulnêravel. Que depois d'estas explicações Francisco Christo perguntara ao declarante que se queria replicar na imprensa e que como o declarante disse que não o mesmo Christo *lhe pediu duas linhas em que affirmasse que o tinha por um cavalheiro e por um homem de coragem*; que o declarante lhe promettera effectivamente a publicação d'aquellas linhas desde que no *Povo de Aveiro* se respeitasse a *condição imposta* pelo declarante.»

Ora bem. Diz o dr. Mello Freitas que eu implicava com elle na local e lhe dirigia insinuações. Escuso de repetir que não implicava tal e que lhe não dirigia insinuação nenhuma. Nem sequer me lembrei d'essa creatura ao escrever a tal local. As minhas pouquissimas palavras eram inoffensivas, não maculavam ninguém e apenas exprimiam a minha admiração pelo acto d'um ou dois politicos. Tanto assim que sendo um d'estes o sr. Carlos Faria, como pacatamente lho declarou o director do *Povo de Aveiro*, aquelle cavalheiro não se julgou offendido e nem sequer melindrado porque continuou nas melhores relações com o referido director. Só o dr. Mello Freitas se julgou offendido, quando ninguém se tinha lembrado d'elle! Entretanto o sr. Carlos Faria já teve occasião de provar algures o seu brio e coragem e o dr. Joaquim de Mello Freitas nunca teve occasião senão de provar a sua insigne fraqueza.

A minha insignificantisima local offendi aquelle homem; o seu artigo em que nos accusava de *acutilar quem passa inerte pelas ruas com as mãos nos bolsos, de apunhalar pelas costas, de fugirmos para de traz do anonymo*, em que chamava *casa de malta* á redacção do *Povo de Aveiro*, não offendi ninguém! Só mostrava n'elle as suas ideias politicas! E' certo. Condemnava, por exemplo, a *frieza glacial e sobranceira do nosso deputado* (o de Aveiro) *em cortes* e um mez depois visitava-o no Bussaco e dois meses depois ia de casa e gravata branca beijar-lhe a mão a casa do sr. Sebastião de Carvalho Lima. Leviano! Duas vezes leviano, por que, condemnando quem se não atá ao carré triumphante dos governos,

rendia homenagem descarada, elle, funcionario publico *honesto e leal*, a um chefe da opposição.

Mas as fanfarronadas valentes do homem é que tem muita graça. Quem me conhece ha de se rir, estou convencido d'isso, da *mansidão* com que accetei que a *generosidade* do doutor o levasse a consentir em me ditar condições e da *humildade* com que lhe pedi que me confessasse *um homem de coragem!* Os meus amigos sabem demais se eu era capaz d'isso, assim como conhecem as *vezes* em que tenho demonstrado a *minha covardia*; e os leitores verão pelo curso d'esta narrativa como o sr. Mello Freitas é capaz de adulterar os factos. Irei tentando restabelecer a verdade.

A carta a que o homem se refere, e que lhe escrevi no dia 14 de julho de 1884, é esta:

Ex.º Sr.

Se me não engano, V. Ex.ª hoje insulta-me no *Districto*. Pois é triste, porque eu prezava V. Ex.ª e a sua levandade foi pasmosa.

Eu não fujo de ninguém, nunca recuo perante a responsabilidade das minhas acções ou das minhas palavras. Eu sou esse anonymo, a quem V. Ex.ª se refere.

Espero-o no lado occidental do jardim, alameda. Não lhe escondo que pedemos muito bem ter um conflicto pessoal. Mas tambem pedemos não o ter.

Estou completamente só »

Eis a carta de que o homem fez tão grande cavallo de batalha. Até dizia que me havia de comprometter com ella. Como é tonto!

Esta carta não deshonra quem a escrever e demonstra as minhas tentativas conciliadoras. Chegariamos a um conflicto se elle me fallasse com a arrogancia com que fallou agora no tribunal; não chegariamos se me fallasse em tom conciliador como fallou. E ainda assim chegariamos a um conflicto se me apparecesse só. Diz elle que *não trepidou um instante* em se dirigir ao local aprasado! Pois como havia de trepidar, se convidou mett irmão a acompanhá-lo; convite que este acceteou porque o seu fim, e fim louvavel, era evitar barulho? Podia ir á vontade, podia mesmo diser o que quizesse, que era sagrado para mim desde que meu irmão estava ao nosso lado. Depois lhe procuraria a responsabilidade das suas palavras. Entró nós não ha assassinos, nem covardissimos caualhas. Já me tenho visto, e por mais do que uma vez, na dura necessidade de procurar alguem; mas sempre procurei alguem sózinho.

E' verdade, portanto, que me appareceu o homem no jardim acompanhado por meu irmão. Trocámos explicações, como elle declara, e não sei se fui eu que precisei as cousas primeiro, se foi elle. Parece-me que fallámos ambos ao mesmo tempo; poderei mesmo acrescentar que não nos entendemos por instantes. Mas nada d'isso importa. O que é certo é isto: — eu observei lhe a levandade com que elle procedera, porque, em lugar de pedir explicações da local ao director do *Povo de Aveiro* fôra imprudentemente atacar os seus collegas, quando ninguém se tinha referido a elle. Que eram portanto phantasticas todas as offensas e insidias que tinha visto na local. Elle disse que nunca lhe passara pela edêa ser eu o auctor da local e que nunca pretendêra offender-me, nem á redacção do *Povo de Aveiro*.

Postas as cousas n'este campo, é depois de algumas banalidades criticas do homem taes como: — *hei de pedir um dia ao Mendes Leite que me*

dispense o voto, não estou para me cançar porque isto de revoluções uns as fazem outros as gozam, assentámos no seguinte:—eu respondo-lhe ao artigo sem lhe offender a sua honra e elle replicava-me no *Districto de Aveiro* em termos que deixassem bem claro que eu não era individuo que me esquecesse atrez do anonymo ou apunhalasse quem quer que fosse pelas costas. A verdade pura é esta. Não prometti não o ridicularisar; antes elle me disse que não ficaria incommodado por eu lhe chamar tolo, por lhe dizer que *nem sabia escrever com grammatica* (textual), etc. Só queria grammatizar a sua honra. E não a respeitai? Que o diga quem leu o meu artigo.

Não o ridicularisar! Pois eu podia lá prometter semelhante cousa a um homem que se declarava democrata por ter casado com a filha de um sapateiro e tirar o chapen a quem lá o tira? Pois eu podia lá deixar de ridicularisar um homem que se declarava obrigado a votar com o Mendes Leite, porque o Mendes Leite o empregou? Para o não ridicularisar não lhe responderia ao artigo, visto o ridiculo ser o lado mais fraco do tal artigo.

Nada lhe pedi, porque em questões de dignidade nada peço ao homem mais serio e honrado, quanto mais ao primeiro tento que me apparece. E' verdade que lhe perguntei o que diria elle em seguida á minha resposta e que me respondeu que não diria nada. Mas repliquei-lhe que n'esse caso não poderíamos chegar a um accordo. Foi então que prometteu responder nos termos acima citados. A resposta do dr. Mello Freitas sera uma condição da nossa harmonia; nada lhe pedi, nada lhe poderia pedir.

Todavia, uma vez que o homem fallou em coragem, fallemos em coragem.

A coragem d'esse homem começou por se revelar no revoltante ataque de trez a um só, que feicram pelas costas. Foram tomar a outro a responsabilidade do que eu escrevêra, embrulharam-se com esse n'uma questão séria, fizeram uma troca de satisfações e portanto deixaram intacto e de pé tudo quanto eu dissêra. Não tiveram o valor de esperar por mim para me atacar pela frente, recearam que lhes apparecessem dois on trez ou um bem prevenido e resolveram levar a quillo de lula-lufa com um desprevenido.

Apesar da mutação de scena resolvei, para não comprometter estranhos no que principiara por negocio de dois, provocar os atacantes e com especialidade um d'elles, o mais criminoso para mim, o dr. Joaquim de Mello Freitas.

A este escrevi uma carta no dia do assalto, 20 de julho. Logo que tive a repugnante noticia. E n'ella lhe dizia:

V. Ex. é o covarde mais puíha, mais indecente, mais baixo que tenho encontrado na minha vida. Porque me não procurou a mim, seu gran te miseravel? Porque não me procurou qualque dos seus primos, seu infame patife? Tres homens para atacar um só!

Isto é forte, não é assim? Pois, senhores, ninguém me procurou, nem na rua nem em casa, nem assassinos nem testemunhas. Para os assassinos prevenira-me; para as testemunhas... é necessario valor. No numero immediato do *Povo* disse aos homens cousas durinhas. Não assignei o artigo, porque os meus collegas o não consentiram e foi assignado em nome de todos; mas havia ordem expressa na redacção para se dizer quem o escrevêra. Assassinos, testemunhas... por um oculo. No numero seguinte o mesmo; no seguinte o mesmo e assim por deante. Eu esperava de balde. Emfim, a 16 de setembro registava o correio de Aveiro duas cartas com os numeros 1641 e 1642. N'uma ia um bilhete de visita que dizia:

F. (o meu nome) lamenta sahir do districto de Aveiro sem ter escarrado na cara do puíha do dr. Joaquim de Mello Freitas. Mas não faltaria occasiões.

Entretanto, eu passeiava sósinho por tola a parte. O dr. Joaquim de Mello Freitas andava sempre acompanhado pelos primos, sabendo, alias, que ninguém o atacaria. Era por causa das dividas! E porque o sabia? Contava...

No dia do assalto o sr. administrador do concelho procurou-me e procurou meus irmãos. Appellou para o nosso amor á ordem, dizendo-nos que os animos estavam excitados e que se atacassemos os homens e não contivessemos os nossos amigos, poderia haver alguma desgraça. Respondemos-lhe que estavamos muito irritados, mas que apezar d'isso não eramos assassinos nem nunca procederíamos como toos. Apoz varias insistencias da autoridade, demos-lhe a nossa palavra de honra que desistiríamos de castigar a covardia e que se alguma vez tivessesmos d'usar d'um chicote, só o faríamos depois dos animos estarem completamente socegados. A autoridade levou esta resposta ao governador civil, que conhece o valor da nossa palavra, o qual a participou aos heroes quando pediam reforço de tropa para segurança da sua vida e propriedade! O sr. administrador confiava tanto no nosso cavalheirismo, o qual não desmentimos n'esse triste negocio, que me escrevia a carta seguinte da Bairrada, dias depois, no louvavel empenho de manter a ordem e crente, com razão, em que mais valia a nossa promessa que trinta policias:

*Sr.

Fui pedido e rogado pelo meu substituto, Valle Guimarães, para comparecer no domingo, a fim de manter no bazar a ordem publica.

Acabo de garantir-lhe, pelo correio, a absoluta certeza de que a ordem está mais segura n'esse dia, do que o estaria, se nada houvesse para recear.

Espero, pois, que, baseado na palavra que v. e seus manos me garantiram, n'esse dia corroborem o meu desejo e a affirmação que acabo de avançar, conversando com os seus amigos dedicados e comparecendo em pessoa no bazar como prometteu.

O que se promettera compriu-se. Não obstante, o sr. Mendes Leite fazia com que no dia 7 de Agosto me fosse intimada ordem para sahir *imediatamente* de Aveiro. A tanto cavalheirismo, que já vinha d'outra questão, respondeu-se com uma infamia. Ainda assim o sr. Mendes Leite não é um infame; é um velho tolo, coitado! Tudo para proteger os valentes.

Ahi está o que é a coragem do dr. Joaquim de Mello Freitas, a quem vou ainda dizer o seguinte. O sr. tem um meio facilimo de provar a sua coragem e conhecer a minha:—levanta as provocações successivas que lhe tenho dirigido. Dizem-me que o sr. costuma ir atirar ao alvo para uma propriedade do primo Luiz. Pois eu posso-lhe servir de magnifico alvo, e fica tudo acabado. Se não quizer fique-se para ahi, na paz dos mortos, no silencio dos tumulos. Não mais tratarei de si, porque tenho outras cousas em que occupar a minha actividade e o meu pensar, salvo se algum caso excepcional requerer a minha intervenção por qualquer modo.

Passemos a outro ponto.

Continua o sr. Mello Freitas nas declarações judiciaes:

*Mais disse que ficando assim as cousas tratadas d'um modo conciliador e em absoluta tranquillidade o declarante prestou *serviços leaes e repetidos* ao mesmo Francisco Christo n'uma questão muito seria, n'uma pendencia de honra, entre o mesmo Christo e Jayme de Magalhães Lima *como é sabido de toda a cidade* e até consta da respectiva acta publicada nos trez jornaes da terra, e o declarante *frisa n'este momento a circumstancia importante d'esses serviços se terem manifestado em subido ponto até ás onze horas da noite de sexta feira dezoito do corrente, vespera da publicação da acta citada no *Campeão das Provincias*.*

Isto é grave, é gravissimo. O sr. Mello Freitas prestou-me *serviços leaes e repetidos*, que se manifestaram em *subido ponto* durante quatro dias, na pendencia de honra que tive com o sr. Jayme de Magalhães Lima! Mas elle era uma das testemunhas do meu adversario! Logo eu andei tão vilmente que se não fora a generosidade dos antagonistas ficaria enodado de todo. E' pasmoso, chega a sêr incrível e o homem parece doído varrido. Nem repara que passa a si proprio um diploma exquisito! Elle era testemunha do meu adversario; todas as testemunhas se esforçam por deixar o seu cliente na melhor posição possível á custa de concessões arrancadas ás do adversario; mas elle prestou-me, a mim inimigo, *serviços leaes e repetidos*, em *subido ponto*, que por força haviam de redundar em prejuizo do sr. Magalhães Lima; logo atraçou o amigo, logo comprometteu-o, logo fal-

tou á sua missão, e por consequente é indigno de se roçar por homens de bem. Eis a que conclusão foi parar esse homem com as suas declarações falsas e mentirosas!!!

Toda a cidade conhece os serviços que elle me prestou na referida pendencia de honra! Conhece, sim senhor; e como toda a cidade conhece os factos e sabe como se passaram fica avaliando, pela audacia com que o sr. mente n'essa parte, a audacia com que mentirá em todas as suas declarações. Prestar-me *serviços leaes e repetidos*! E' celeberrima. No jardim ditava-me condições; na pendencia de honra com o sr. Magalhães Lima, sendo padrinho d'este cavalheiro, prestava-me *serviços enormes*! De maneira que eu era um pobre diabo que andava alli á mercê do grande heroe Mello Freitas!

A leviandade e má fé d'este homem dava-me direito á defesa, declarando publicamente, já que publicamente elle lança sobre mim uma insinuação de covardia, as particularidades da minha pendencia com o sr. Jayme de Magalhães Lima. Mas não. O dr. Mello Freitas ignora as mais infimas noções de cavalheirismo e por isso não sabe que nunca mais se falla em publico n'uma pendencia de honra que se resolveu por qualquer forma; porem prezo-me eu de o saber. Quem, como eu, se orgulha d'uma vida impoluta, de não ter nas proprias regiões officias senão uma macula, a macula honrada de sêr democrata, não deste a baixesas que o envergonhem. Nem uma palavra sobre a questão que se travou entre mim e o sr. Jayme de Magalhães Lima, ou os meus antagonistas hajam merecido este respeito com o seu procedimento ulterior, ou não. Se essa questão foi resolvida por uns poucos de homens, e eu consenti n'essa resolução, devo decôr a todos começando por mim proprio. Deixarei tamanha baixesa a uma testemunha da pendencia, a um dos negociadores. N'esse campo não o acompanho. Entretanto, deixem-me declarar bem alto que a unica recordação desagradavel que me ficou da solução da referida pendencia, foi o dr. Joaquim de Mello Freitas sêr um dos que me confessaram um perfeito cavalheiro. Não é honroso nem satisfatorio. Entretanto permitam-me ainda que me espante do dr. Mello Freitas me ter prestado tantos e tão relevantes serviços, quando na quinta feira á noite, 17 de Julho, me procurou n'uma das sallas do hotel Cysne do Vouga, onde eu estava com alguns amigos, me chamou a um corredor, o que fez em separado a meu proprio irmão Manoel, e ahi me abraçou com effusão por eu ter *accedido a acta*! Como diabo harmonisa esse homem os seus *laes serviços* com a minha accção da acta, unica cousa de que dependia a solução da pendencia?

Ficou-me viva no espirito a lembrança d'esse abraço de Judas. E sabem porque? Porque, segundo o dr. Joaquim de Mello Freitas me declarou n'esse instante, declaração que melhor precisou a meu irmão Manuel, o maior empenho d'elle e dos amigos era resolver a questão com o *Povo de Aveiro* por meios pacíficos, para a resolver por outra forma com o *Campeão das Provincias*. Qual forma? A cacete. Aquelle assalto a meu irmão, estava reservado a um dos redactores do *Campeão*. Que valentes!

Era tal o odio que votavam ao *Campeão das Provincias*, que nem queriam que se lhe enviasse a acta da pendencia. Na sexta feira á noite encontrou-me um cavalheiro muito conhecido n'essa terra, á Costeira, e propoz-me que se não enviasse a acta ao *Campeão* e que em compensação se enviasse ao *Seculo*, ao *Diario de Noticias*, ou ao jornal que eu escolhesse. Respondi-lhe que me não podia associar a uma desconsideração feita a um jornal da terra. Retorquiu-me que o dito jornalera mesmo capaz de a não publicar. Repliquei-lhe que as praxes de cortezia não autorisavam o *Campeão* a proceder por tal forma e que não esperava isso; porem, que dada essa circumstancia me contentaria com a publicação da acta nos outros dois jornaes e a declaração de que não era publicada no *Campeão das Provincias* por este a não querer publicar. Dirigindo-me ao hotel Cysne do Vouga encontrei alli o dr. Joaquim de Mello Freitas que me fez as mesmas propos-

tas. Até me propoz um supplemento ao *Districto de Aveiro*, no sabbado, em substituição ao *Campeão*, com a publicação exclusiva da acta. Regeitei. Emfim, era tal a reluctancia que elles tinham em pedir qualquer cousa ao *Campeão das Provincias*, que foi preciso eu pedir ás onze horas da noite a um dos meus amigos que levasse a acta ao referido jornal. Pois se elles tinham preparado e combinado um assalto ao orgão progressista!

Ahi fica a verdade dos factos e não terminarei sem levantar uma ultima falsidade do dr. Mello. Este homem, para occultar a sua feia accção e dos primos, disse no tribunal que haviam atacado o director do *Povo de Aveiro*, porque este periodico affirmava a cada instante que a responsabilidade ali é solidaria e que são todos por um e um por todos. E' falso. Só uma vez o *Povo de Aveiro* disse isso:—na questão dos batoteiros, em que tambem eramos atacados por mais do que um. Mas n'essa mesma occasião se disse umas poucas de veses ao sr. Ruy Conceição da Costa que perguntasse na redacção quem era o autor dos artigos publicados contra elle, se se julgava offendido, que lá lhe diriam quem era. Se ainda dias antes, o dr. Joaquim de Mello Freitas era testemunha d'uma pendencia em que eu entrava, como é que esse homem diz que no *Povo de Aveiro* é um por todos e todos por um? Não era eu só e bem só que tomava a responsabilidade do artigo contra o sr. Jayme Lima? Não era eu só e bem só que tomava a responsabilidade da local que melindrava o figurão?

Então implicassem com todos os collaboradores do jornal! Se não admittem responsabilidades, se são todos por um e um por todos, só atacando a todos ficaria satisfeita a sua honra! De contrario, sendo tomada a responsabilidade a um só, com a responsabilidade poupada dos outros permanecem de pé as suas accusações.

Creio, pois, deixar aqui perfeitamente assente que o dr. Joaquim de Mello Freitas fallou redondamente á verdade no tribunal para occultar o seu acto indigno e feiissimo. Creio ainda que fiz de novo resaltar aos olhos de todos a conducta systematica d'esse homem nos últimos tempos e a regularidade e cavalheirismo com que eu procedi.

O tempo averignará o resto, enquanto a opinião dos meus compatriotas se forma com segurança e criterio. Até os amigos mais dilectos dos primos os hão de chegar a conhecer.

Pelo que me toca, a minha maior desgraça será vêr-me obrigado a mexer de novo no negocio. Fiquem-se na paz do senhor e deixem-me a mim na paz da minha consciencia. Mas se os tres, em qualquer tempo ou circumstancia precisarem de mim, fico á sua inteira disposição.

Lisboa, outubro de 1884.

FRANCISCO CHRISTO.

CARTAS

Não recebemos hoje carta do nosso correspondente da capital.

Bairrada, 16 de outubro.

Deu finalmente entrada na cadeia de Anadia Manuel Ribeiro dos Reis, que assassinou cobardemente em Mogofores, na noite de 24 de dezembro do anno findo, o infeliz sarreiro, Manoel Nogueira.

A este crime nos referimos por diferentes vezes, queixando-nos da pouca diligencia das autoridades locais, que deixaram permanecer o assassino por muito tempo dentro da comarca sem o capturarem.

Afinal foi preso em Villar Formoso, e, segundo nos informam, a sua captura deve-se principalmente ao activo e intelligente secretario da administração d'Anadia, o sr. Sereno, que pelo apparecimento d'umas cartas suspeitas, pôde orientar-se do paradeiro do criminoso e ordenar a sua immediata prisão. Foi uma captura muito importante.

Tem chegado estes dias muitas prendas valiosas e de bom gosto para o bazar que vaerealizar-se no domingo, 19, no largo municipal da villa de Anadia, em beneficio do Montepio que ali se organizou recentemente e de que demos noticia no numero passado d'este jornal.

A recita de curiosos no theatro da villa tem logar no sabbado 19, e deve ser uma festa interessante. As comedias que se representam são: *Capricho Feminino*, *Quem Desdenha...* e *O Sapatinho de baile*.

*

Os vinhateiros estão satisfeitos com o resultado da colheita do vinho na Bairrada. Alem de abundante, a qualidade é boa. Tem-se feito algumas vendas de vinho novo a 20\$000 e 21\$000 a pipa.

No entretanto, a phylloxera vaee alargando a sua accção destruidora.

Alem de varios focos que appareceram este anno na freguesia de Barcoço, outras nodas importantes se manifestaram na vinha do sr. Conceição da Mealhada, a primeira onde o anno passado se declararam os primeiros symptomas de terrivel praga que persegue os nossos vinhedos. Segundo somos informados, a referida vinha, que é uma propriedade importante, está quasi toda atacada.

E' desolador um tal quadro!

No posto de tratamento, estabelecido na quinta de Orta, está a fazer-se actualmente a applicação do sulfureto e a estrumar a vinha com o adubo de Ville.

O aspecto da vinha do posto éलग tanto animador. Valha-nos isto.

NOTICIARIO

Real sou-se, emfim, na quarta feira o julgamento dos *accusados* e reus no celebre assalto ao director d'esta folha, ficando condemnados em quinze dias de detenção e nas custas e sellos do processo os srs. dr. Joaquim de Mello Freitas, Carlos da Silva Mello Guimarães e Luiz de Mello Guimarães.

Os altos tronfos da localidade nunca esperaram que houvesse um juiz tão sobranceiro ás suas individualidades, com uma rectidão, que é o maior elogio que podemos fazer ao seu caracter, que possesse a lei acima da preponderancia das autoridades superiores do districto, os mais empenhados na salvaguarda dos reus.

A defeza do nosso amigo Manuel Christo, a victima, que de auctor passou a ser reu para neutralisar ou pelo menos attenuar a gravidade do crime, por mercê do agente do ministério publico, versou principalmente sobre o originalissimo embroglio *manuseado* pelo sr. Cesar de Sá, a quem foi applicada uma severissima critica, mesmo caustica, em pleno tribunal, pela sua *habilitação* forense. Calcando a lei, o decoro e a dignidade de magistrado, deturpou os factos, inutilizou testemunhas de accusação importantissimas, fez o diabo, para suavisar um attentado inaudito n'uma casa particular á vida d'um cidadão; formou, emfim, um *amalgama* de tal ordem, tão original e repugnante, que de trez reus confessos, arranjou cinco, envolvendo no crime a victima e uma testemunha, a mais importante, visto ser ella a que ajudou a serenar a contenda! E' espantoso, não é? Pois o sr. Cesar de Sá teve essa engraçadissima lenbrança!

O advogado do nosso amigo, arrastado pela infeliz defeza dos srs. Mellos, accentuou as inconveniencias do artigo do sr. dr. Mello Freitas publicado no *Districto* e que deu origem a esta desgraçada questão. Mostrou quanto eram imprudentes e improprias d'um bacharel as proposições contidas no referido artigo, que depunham em avor d'um espirito acanhado ou allucinado quando as lançou á publicidade. A involuavel phrase de ter «vendido a alma ao diabo» serviu de thema para uma serie de considerações asperas, em que o sr. dr. Vieira exprimiu a sua admiração pelo arrojo d'um bacharel em direito ao avançar semelhante insulto ao funcionalismo digno, pois que da leviandade de s. ex. se chega á conclusão erronea e inadmissivel de que os empregados publicos

pertencem de corpo e alma ao sr. D. Luiz de Bragança a quem servem e não ao paiz.

Tambem nunca ouvimos tão enérgica reprimenda ás allusões do sr. dr. Mello quando este sr. apreciou no tribunal o procedimento d'um official do exercito, que não podia defender-se ali, e a quem stigmatizou n'aquelle logar improprio, pelo facto d'elle se destacar altivo da turba-multa d'esta baixa comedia politica, porque s. ex.^a admite a aberração de que um militar principalmente condemne a actual instituição monarchica para defender um regimen racional, que a par da moralidade, ha de trazer-nos a reinvindicacão do nosso prestigio, do nosso verdadeiro lugar no meio das nações cultas!

Em seguida ao sr. dr. Vieira falou o sr. dr. Barboza de Magalhães, defensor do accusado Carneiro, o pobre, que, no cumprimento d'um dever imposto pela moral, e á custa d'alguns encontrões que apanhou ao serenar o tumulto, foi transformado em reu!

Parece inenivel tão audaciosa mistificação! O sr. dr. Barboza de Magalhães, por cujo bello talento temos a maior consideração, encontrou na Biblia passagens para justificar o estu-pendo processo, em que o seu cliente era colhido com fins de desviar a criminalidade dos verdadeiros culpados.

O meritissimo juiz de direito mostrou com a lei na mão, que sabe ser superior ás baixas tricas dos altos mandões d'esta infeliz terra, condemnando os srs. Mellós na pena a que nos referimos acima.

O sr. Mendes Leite foi infeliz d'esta vez. Como se sabe, o governador civil com uma deslealdade sem igual, com uma irregularidade que nunca nos ha de esquecer, com uma perfidia que nunca havemos de perdoar, deu parte severa ás autoridades superiores d'um nosso amigo. Porquê! Porque esse nosso amigo tinha a isenção precisa para esmagar os petulantes e encher de ridiculo os altos triumphos da terra. Porque esse nosso amigo tinha a fraqueza de escutar os delegados do sr. governador civil que appellavam para os seus sentimentos dignos.

Por fim o mesmo ministerio a quem o sr. Mendes Leite accusava o nosso amigo fazia a este todas as concessões possíveis, apesar de attender áquelle um paço por solidariedade official, e condemnava em particular a conducta revoltante do governador civil, tão antipathica se lhe affigurava. Por fim, o juiz de direito, um magistrado que sabe fóra d'essa torpeza que para ahi vae, esbofetou o governador civil, estigmatizando em face da lei e do dever os pupillos da primeira autoridade do districto.

E' um inepto, esse velho Mendes Leite, que ha muito teria deixado de ser governador civil se n'este paiz houvesse ministros que olhassem com mais attenção para os seus subordinados.

O sr. Cesar de Sá tambem encontrou quem o ensinasse. A conducta desgraçada d'esse magistrado já não encontra qualificacão possível. Tera arrastado pela lama, a lei, a justiça, a dignidade publica. Afinal houve um juiz que lhe deu um pontapé.

Comosco vá contando até á morte.

Não tem que barafustar contra o veredictum do recto julgador. Bem viam que s. ex.^a lhes applicou muito menor pena do que a que a lei comina em taes delictos, pois que não lhes foram consideradas as circumstancias aggravantes de que o facto se acha revestido.

Elle está acima dos insultos e das vaias dos que o julgaram capaz de torcer a lei por considerações de quaesquer ordem.

O digno magistrado que lhes agradeça a boa vontade de lhes macularem a toga.

Em additamento á noticia que em o numero passado demos a respeito dos guardas d'alfandega d'Aveiro, constanos mais que fora suspenso um d'aquelles funcionarios por se negar a dar o recibo ao superior que lho exigia, dizendo-lhe não necessitar de tutores.

Se é verdadeiro o facto que nos consta, não sabemos sob que pretexto ou com que direito se exigem aos guardas os recibos dos seus vencimentos, demorando-lhos. Haverá alguma novissima especulação?

Tudo pôde ser n'este felicissimo paiz, onde o baixo funcionalismo é ordinariamente um joguete e um autómato dos caprichos superiores.

Na noite de quinta para sexta feira houve um incendio n'uma casa da rua das Olarias, que não chegou a tomar grandes proporções porque foi extinto antes que as lavaredas adquirissem maior incremento.

Compareceu a companhia dos Bombeiros, que apenas trabalhou no rescaldo.

Diz uma carta de Gacia para o *Seculo*, que vae realizar-se em breve n'aquella povoação o primeiro casamento civil, para o que concorreu o escandaloso procedimento do respectivo encommendado.

Acha-se em Lisboa o sr. Guilherme Albuquerque França, presidente de directorio republicano do Funchal.

Parece que o fim principal da sua visita, é conferenciar sobre o estado da Madeira, que a insanía dos escravos está tornando cada dia mais grave, e sobre os ultimos acontecimentos, que estão excedendo em desaforo e violencias tudo quanto de mais odioso se viu nos ominosos tempos cabralinos.

E aproveitará a occasião de acompanhar para os Açores o sr. dr. José do Castro.

O odio real accentua-se na Madeira d'uma forma hydrophoba. O digno presidente do directorio republicano do Funchal trouxe minuciosas informacões do afan das autoridades em colher n'um monstruoso processo o maior numero de victimas possível. Estão no seu campo os homens da grey. Repugna-nos mas não nos surprehe.

Parece que passa já de 90 o numero de pessoas preás; isto além de um sem numero de violencias de todas as ordens, que se estendem até aos negocios particulares, á propria vida commercial dos *suspeitos*.

Dos assassinatos eleitoraes praticados lá ultimamente pela tropa a pedido dos sicarios realengos, resultou serem processados os que não commungam na pia dos arranjos, sabendo-se aliás quem foram os verdadeiros cabeças de motim. Pois bem, a esses infelizes foi instaurado um processo em circumstancias agravantissimas. N'elle figurava entre outros um ferido com um braço quebrado e ás portas da morte. Foram julgados os auctores d'esse horrendo crime, e apesar de todos os bons desejos das justicias d'el-rei não poderam condemnal-os em mais que um mez de prisão, porque no exame feito ao ferido, que *tinha um braço quebrado, e ficava quasi morto*, não foi possível, apesar dos mesmos bons desejos, dar-lhe mais que 8 dias (!) de impossibilidade para o trabalho.

Até quando durarão tantas iniquidades, ó povo portuguez?

Entrou no 6.^o anno da sua publicacão o semanario socialista—*A Voz do Operario*. E' orgão exclusivamente da classe operaria, e um enérgico defensor da sua emancipação, advogando as doutrinas d'um socialismo racional. Não são utopias as aspirações do collega, que evangelisa principios praticaveis n'um estado que profundamente, essencialmente democratico. E portanto no fundo, não divergimos das suas doutrinas. Portugal anda retrogrado tres seculos nas conquistas da sociologia, e é por isso que muitos dos nossos homens *illustres* chamam utopias ou devaneios da imaginação juvenil, á democracia radical, ampla, que nas suas ramificações alcança os principios do socialismo. O operariado lisbonense, o mais illustrado do paiz, apesar d'isso, está ainda na penumbra do verdadeiro lugar que lhe compete na rotaçãõ social. Tem feito muito, mesmo muito se attendermos á systematica e natural opposição da burguezia e das instituições. Tem já ás suas cooperativas, cujos resulta-

dos praticos tem sido d'um grande alcance n'uma serie de grèves provocados pelo capital explorador; mas essas utilissimas associações deve-as á sua abnegação elevada, á sua solidariedade, e não á iniciativa official. Um verdadeiro contrasenso, um absurdo, é esperar do actual regimen a resoluçãõ d'este importante problema, que tende a evitar o desequilibrio de duas poderosas alavancas da sociedade—o capital e a industria.

Receba, pois, o collega as nossas cordeas saudações.

Invade-nos uma tristeza immensa quando vemos um quadro de fome, quando para se evitar os horrores d'uma morte lenta se lança mão do suicidio, recurso infelizmente extremo para um homem que prezando a sua honestidade no meio d'esta podridão, prefere a morte a palliar a existencia por meios criminosos. De vez em quando regista a chronica estes factos, que nos levam a variadissimas induções e das quaes não podemos achar a sua origem senão na difficiencia das leis sociologicas. Agora é um chefe de familia, que n'um momento allucinado, vendo-se rodeado de seis filhos e de fome, tentou pôr fim aos seus soffrimentos. Eis como uma folha do Porto relata o acontecimento:

«Pelas 8 horas da manhã de hontem um guarda civil que andava de giro no Campo Pequeno teve conhecimento de que na ilha da companhia, no mesmo campo, casa n.^o 20, se tinham disparado tiros de revolver.

Indo alli o referido guarda encontrou prostrado José Vaz Pinto do Amaral, de 41 annos, viuvo, orives de prata, natural de Sinfães, que havia disparado um tiro de revolver, indo a balla alojar-se-lhe no sobr'olho direito.

Sendo logo conduzido ao hospital da Misericordia, declarou o desgraçado haver tentado contra a existencia, porque se via rodeado de 6 filhos menores sem ter que lhes dar a comer.

O infeliz tentou contra a existencia quando trabalhava no quarto n.^o 3 da mesma ilha que lhe havia sido cedido por o sr. Miguel Ozorio da Silva Cardoso.

De tarde foi-lhe a bala extrahida pelo sr. dr. Joaquim de Mattos, que dá o ferido livre de perigo.»

Tristissimo!

A creança recém-nascida, que appareceu morta na igreja matriz de Vianna do Castello, pela autopsia feita pelo sr. dr. Moreira e Mendes Norton, se verificou que a creança foi ali exposta já morta, victima de um infanticidio, pois o seu fallecimento foi motivado por lhe terem cortado o cordão umbelical, deixando que a pobre creança se esvasse em sangue. Cruel, barbaro o coração de uma mãe infame que assim causou a morte ao pobre innocente!

Diz uma folha de Lisboa que lhe parece que não voltará a assumir o cargo de governador civil de Coimbra, o sr. visconde de Almeida.

Falleceu na segunda feira, em Lisboa, monsenhor frei José da Puresa, confessor que foi de sua magestade a rainha e capellão do convento da Estrella. Era homem illustrado. Deve deixar fortuna porque foi herdeiro de muitas pessoas piedosas sobre as quaes exercia a influencia propria de um director espirital.

Que santo varão tão desprezado dos bem terrestres!

Contra a debilidade

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne, e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco-Portuguesa se acharem legalmente auctorisadas.

Recebemos e agradecemos um volume *in-folio*, com o titulo de *Estatistica geral dos correios, telegraphos e pharoes*. Insete a estatistica até 1882, apresentando um augmento progressivo desde 1851 até áquella data. E' um vasto repositório de apontamentos curiosos e interessantes. D'elle se vê que a receita postal foi no anno de 1882 de reis 837:673:344 1/2, e a despesa total 910:367:579 réis.

O acrescimo da venda de sellos

no anno de 82 sobre a do de 81 é de 7,03 por cento, representando um augmento de receita de 33:428:270 rs. A emissão de valas, no valor de reis 2.084:034:547, foi de 261:490:333 reis mais de que no anno anterior.

As cartas particulares do reino e ilhas foram em numero de 12.738:328, ou mais 10:865 do que em 1881, e os bilhetes postaes accresceram em numero de 272:074.

O movimento telegrapho-postal n'este districto rendeu no referido anno de 1881-1882—19:593:680, e é na ordem descendente o 5.^o districto que avultou em rendimento. Acima só temos Lisboa, Porto, Coimbra e Braga.

Por Messejana corre uma copia de uma carta escripta por mão de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a qual o clero d'aquella localidade tem explorado os pacobios.

Diz assim:

«Toda a pessoa que disser que esta carta foi inventada por homens será amaldiçoado e toda a sua familia, todos serão derretidos como o sal na agua, etc.» «Quem trouxer consigo esta minha carta eu o livrarei de morte repentina e juntamente vos livrarei dos vossos novissimos, da morte, juizo e inferno.»

Achamos-nos n'este estado vergonhoso. E' o clero hoçal principalmente que corrompe e explora este pobre Zé, que nunca ha de acabar de ser tolo. Prefere a agua benta e as reliquias á escola, o misero. Luz, muita luz, a jorros, n'aquelles cerebros tão escuros, aliás, retrogradamos.

O governo de sua magestade, o rei d'estes reinos, etc., leva tão longe o seu amor pelas industrias nacionaes, que manda fabricar no estrangeiro objectos que encontraria em Portugal, executados com a mesma perfeição e quando não fossem mais baratos, havia pelo menos a vantagem de animar as nossas officinas e os nossos artistas. Mas não. Aqui não poderia *arranjar-se* sem se expor a serem-lhe descobertas as *habilidades*. A não ser este o motivo, expliquem-no-lo os que andam no segredo dos deuses. Escreve um correspondente da capital:

«Como sabem, uma officina da fundição de Lisboa, que tem feito varias obras para os navios do estado, que egualam vantajosamente os melhores trabalhos inglezes do mesmo genero, requereu, em vista de ter conhecimento de que o transporte *Africa* ia ser concertado e receber novas caldeiras em Inglaterra, para que lhe fosse adjudicado esse concerto e o fornecimento das caldeiras, sob condicão de não ser a obra mais cara nem inferior ao que se faz em Inglaterra.

O requerimento, que foi pessoalmente entregue ao ministro da marinha, nunca foi deferido, e o *Africa* partiu para Inglaterra com as guarnições dos novos navios que ali acabam de ser construidos para a nossa marinha!»

Isto é de quem mais pilha. E entretanto os parasitas, mercê da nossa indiferença, riem-se dos clamores que se perdem no tumultuar d'este cahos.

O representante de Hespanha em Pekin resolveu que os consules hespanhoes na China protegessem e amparassem os subditos portuguezes.

A emancipação da escravatura está tomando no Brazil um incremento extraordinario. As provincias mais egoistas ou reservadas estimulam-se na levantada ideia, e succedem-se na proclamação da liberdade dos infelizes, cuja sorte fazia destacar desagradavelmente aquelle imperio do convívio dos estados cultos. No municipio de Porto-Alegre, provincia do Rio Grande, a camara municipal, em sessão solenne do dia 7 do mez passado, proclamou a libertação total dos escravos, em numero approximado a 3.000.

A camara votou unanimente uma moção de louvor ao coronel Joaquim Pedro Salgado e ao dr. Joaquim de Salles Torres Homem

Calcula-se em mais de 10.000 o numero dos escravos libertados na provincia.

Reinou grande entusiasmo e houveram festas indescriptiveis. Harrah pelo Brasil abolicionista!

Um nosso correligionario e amigo, a banhos na Costa Nova do Prado, pede-nos a publicacão da seguinte carta, ao que nós gostosamente annuimos:

Meus amigos.

Esta poetica praia, condemnada já ha ha annos a fazer n'uma completa pasmaceira, com enérgico protesto dos que n'ella tão delirantes dias passaram, parece querer agora acordar, irritada por ver desprezadas as dezenas de encantos que possui.

Um grupo de rapazes, nossos amigos, vendo que aquella irritação era justissima, resolveram contentar-a e a nós, promovendo na segunda feira, 13 do corrente, um passeio fluvial, rom destino á costa de S. Jacintho, aonde teve logar um animadissimo *pic-nic*.

Não me permitindo o pequeno espaço do vosso jornal allargar-me na descripção d'este delirante passeio, vou fazel-a o mais resumida possível:

Às 9 e meia horas da manhã d'aquella dia um barco lindamente enfeitado recebia a seu bordo um escolhido *ranch*o de 25 fogosos rapazes e 22 das nossas formosas tricinhanas. Fimdo o embarque uma girandola de foguetes dava o signal da partida, obdecendo assim a um engracado *programma* a que esta linda *troupe* ia subjeita.

Uma hora depois chegou a barca á barra e nova girandola de foguetes a fez annunciar-se.

Eram 11 horas e meia quando aborou a S. Jacintho esta buliçosa comitiva e outra girandola de foguetes espertou a attenção dos seus *numerosissimos* habitantes. Feito o desembarque seguiu esta troupe n'um immenso cordão até á beira do mar, indo na sua frente uma entusiastica *tocata*. Pouco depois regressava á beira do rio aonde umas improvisadas tapagens na encosta d'um palheiro, lhe fez antever que os seus impacientes estomagos iam em pouco saborear o appetitoso recheio das immensas *frigideiras* e o conteúdo d'um pipo precisamente disposto no centro do acampamento.

Effectou-se, finalmente, o *pic-nic*. Não sei descrever-lho! Sabem o que é um delirio? E' o que ali teve lugar.

No regresso, quodam na barra, e a convite do ex.^{mo} sr. Silverio Augusto Pereira da Silva, foi a *troupe* visitar o novo pinhal que s. ex.^a mandou plantar na margem do norte do referido canal. Simplemente bello! O local é tambem encantador, chegando a haver quem o invejasse para a realisacão d'uma outra *jantarada*. Depois de se agradecer a s. ex.^a a fineza do seu convite seguiu a barca caminho da Costa Nova.

A chegada a esta praia foi esplendida! Uma linda *marcha aux flambeaux* executada pela orchestra e acompanhada pelas harmoniosas vozes d'estas irmãs de Eva, pôz em alvorogo todos os seus banhistas, que, ás portas dos palheiros, as janellas, e em agotes pela beira do rio, formavam um espectáculo brilhante! Como era lindo!

Obdecendo-se á ultima prescripção do *programma*, teve logar pouco depois uma animadissima *soirée* aonde se aproveitaram com phrenesi todos o momentos decorridos desde as 9 á 1 hora da noite, n'uma delirante dança que pôz termo á esta saudosa festa.

Agradecendo aos cavalheiros, promotores d'esta sympathica digressão, a honra do seu convite, pégo-lhes para que prosigam no louvavel intento de nos promover estes formidaveis passatempos, dando tambem a esta costa a animação que ha tanto tempo não vê e a que ella tão bem se presta.

A vos, meus amigos, agradeço-vos a inserção d'estas linhas no vosso lido jornal e offereço-vos o meu insignificante prestimo.

—Alguns nossos amigos festejaram aqui a noticia do «livramento» do nosso correligionario Manuel Christo, com grande numero de foguetes e outras demonstrações de regosio.

Costa Nova 16 de Outubro de 1884.

M.

Na Italia occorreu um successo peregrino, que demosntra até a que ponto está arreigado o mais grosseiro fanatismo n'aquellas povoações, onde a theocracia tem dominado ha muito tempo.

Um medico foi chamado a um convento para assistir a uma monja joven, atacada d'uma grave doença. Apenas foi observada pelo medico este declarou profundamente contristado que a origem da enfermidade não era mais do que a pratica seguida por aquellas professoras *de não mudar a roupa interior senão de tres em tres meses* por via da *penitencia*.

Esta mesma declaracão a fez elle pela imprensa, protestando ao mesmo tempo contra as instituições monasticas, que «depois de converter o celibato em virtude, quando isso é uma barbara transgressão das leis naturaes, corrompem a sociedade e violam a hygiene, como meio de penitencia.»

O medico a quem nos referimos foi excomungado por tão grave delicto.

RIO DE JANEIRO

COLCHOARIA DO CORSARIO

RUA DA ASSEMBLEA — 106

E' prohibido sahir freguez sem fazenda. A questão é de pin-
tos á vista. Ser barateiro para arranjar dinheiro.

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFIGINA DE SERRALHERIA

EM



FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas,
parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro,
fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

VIAGENS

INVOLUNTARIAS E EXTRAORDINARIAS

POR

LUCIANO BIART

ESTÁ no prelo e começou a distribuir-se o primeiro volume—«O Engenheiro Pinson»
d'esta notavel obra do applaudido escriptor francez Luciano Biart, que esta empre-
za mandou traduzir e vae publicar.

A obra constará de quatro bellos volumes com mais de 400 magnificas gravuras,
e sairá em cadernetas semanais em excellente papel a 50 réis.

A assignatura na provincia será paga adiantadamente, na razão de 50 réis cada
fasciculo semanal (franco de porte). A empresa, quando lhe for remetida qualquer im-
portancia superior a 500 réis, enviará na volta do correio aviso de recepção, para d'este
modo o remetente ficar sabendo que não houve extravio.

Aquelles senhores que nas localidades de provincia ou mesmo no Porto se encar-
regarem da distribuição de cadernetas e assignaturas, a empresa dá a commissão de 20
por cento da importancia respectiva; e sendo as suas assignaturas em numero superior a
10, dá 20 por cento e um exemplar gratis da obra.

No fim da obra a empresa distribuirá a todos os assignantes um brinde.
Assigna-se no escriptorio da empresa, rua do Sol, 86, Porto, e em todas as livra-
rias. Em Lisboa, no escriptorio dos srs. José Cordeiro & C.ª, rua dos Retrozeiros, 433,
1.º andar e nas prinpei paes livrarias.

LOJA DO POVO

Nos baixos do hospital

AVEIRO

CAFÉ PURO

(Remedio contra o cholera)

ESTA casa torna-se recommendavel
pela unica qualidade «Café moído»,
diversas qualidades em grão e grande
sortido em chá por pregos convidati-
vos.

Remete-se o Café para qualquer
ponto que for requisitado sendo o pé-
dido acompanhado da sua importancia,
adicionando ao preço de 520 réis o
kilo mais 10 réis por fracção de 100
grammas para transporte do correio.

NOVIDADE

GRANDE ARMAZEM DE MOVEIS

26—Rua do Quebra Costas—42

COIMBRA

JOAQUIM DE CARVALHO

PORTO acaba de receber um magnifico
e variado sortimento de moveis, tanto de
madeira como de ferro, que vende por
pregos commodos.

Tambem se encarrega de toda a qualidade
de trabalhos concernentes á arte de marce-
neiro e estofador. Os trabalhos são execu-
tados com a maior perfeição e os preços são
baratissimos.

Todos os pedidos devem ser dirigidos
ao annunciante.

XAROPE Phellandrio composto
de Roza.

POMADA anti-herpetica do Dr.
Queiroz.

Deposito em Aveiro, pharmacia
e drogaria medicinal de João Bernardo
Ribeiro Junior

BANDEIRAS

HA-as de lindos gostos em casa de José
Vieira Guimarães, que as aluga por
preços modicos.

GRANDE REVOLUÇÃO

ARENDA-SE uma boa casa
de tres andares, na praça
do Commercio, onde está esta-
belecido o grande Hotel Lisbo-
nense.

A tratar com a viuva Fontes
Pereira de Meilo, praça do Com-
mercio, n.º 11 e 12.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE



Privilegiado, autorisado pelo
governo, e approvado pela jun-
ta consultiva de saude publica.

É o melhor tonico nutritivo que se co-
nhece: é muito digestivo, fortalecente e re-
constituente. Sob a sua influencia desenvolve-
se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue,
fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos
estomagos ainda os mais debéis, para comba-
ter as digestões tardias e laboriosas, a dispe-
psia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, ane-
mia ou inação dos orgãos, rachitismo, con-
sumpção de carnes, affecções escrophulosas,
e em geral na convalescença de todas as doen-
ças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da co-
mida, ou em caldo, quando o doente não se
possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis,
uma colher das de sopa de cada vez; e para
os adultos, duas a tres colheres tambem de
cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom
Bifeleck.

Esta dose com quaesquer bolachinhas e
um excellente lunch para as pessoas fracas
ou convalescentes; prepara o estomago para
aceptar bem a alimentação do jantar, e con-
cluido elle, tome-se igual porção ao toast,
para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafeição, os envolveres
das garrafas devem conter o retrato do auctor,
e o nome em pequenos circulos amarellos,
marca que está depositada em conformidade
da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharma-
cias de Portugal e do estrangeiro. Deposito
geral na Pharmacia Franco, em Belem.

DEPOSITO em Aveiro, Phar-
macia e Drogaria Medicinal de
João Bernardo Ribeiro Junior.

PHAETON

ALUGA-SE um pertencente ao
Hotel Cysne do Vouga. Trata-se
no mesmo Hotel, ou na rua do
Açongue, na antiga cocheira do
sr. José Pinto.

CREADA

Para cosinha, pre-
ciza-se no «Hotel Cys-
ne,—Aveiro. Garante-
se bom ordenado, me-
recendo-o.

COCHEIRO

PRECIZA-SE no Hotel Cysne
do Vouga um bom cocheiro, pa-
ra tratar d'uma egua e carro.

Contra a tosse

Xarope Peitoral de James,
unico legalmente autorisa do pelo Con-
selho de Saude Publica, ensaiado e
approvado nos hospitaes. Acha-se á
venda em todas as pharmacias de Por-
tugal e do estrangeiro. Deposito geral
na Pharmacia—Franco, em Belem. Os
frascos devem conter o retrato e fir-
ma do auctor, e o nome em pequenos
circulos amarellos, marca que está
depositada em conformidade da lei de
9 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, Pharmacia
e Drogaria Medicinal de João Bernar-
do Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

Farinha Peitoral Ferrugino-
sa da Pharmacia Franco, unica
legalmente autorisada e privilegiada.
É um tonico reconstituente, e um pre-
cioso elemento reparador, muito agra-
davel e de facil digestão. Aproveita do
modo mais extraordinario nos padeci-
mentos de peito, falta de appetite, em
convalescentes de quaesquer doencas,
na alimentação das mulheres gravidas,
e amas de leite, pessoas idosas, cre-
anças, anemicos, e em geral nos de-
bilidades, qualquer que seja a causa
da debilidade. Acha-se á venda em to-
das as pharmacias de Portugal e do
estrangeiro. Deposito geral na Phar-
macia—Franco, em Belem. Pacote 200
réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes
devem conter o retrato do auctor,
e o nome em pequenos circulos ama-
rellos, amca que está depositada em
conformidade da lei de 4 de junho de
1883.

DEPOSITO em Aveiro, Pharmacia
e Drogaria Medicinal de João Bernar-
do Ribeiro Junior.

BIBLIOTHECA

DE
Romances baratos

VOLUMES DE 256 PAGINAS
100 réis

— OBRAS PUBLICADAS —

- O SEGREDO TERRIVEL**
2 VOLUMES 200 réis
- HERANÇA DO BANQUEIRO**
2 VOLUMES 200 réis
- NO TEMPO DO TERROR**
3 VOLUMES 300 réis

NO PRELO OS DRAMAS DA POLITICA

Na provincia e ilhas, 120 réis.
Na Africa, 150 réis.
Brazil, moeda fraca, 500 réis.
Publicado e á venda em todos
os kiosques e livrarias
do reino

MUITA ATENÇÃO!!

Estabelecimento de mercearia, con- feitaria, salchicharia e conservaria

premiado nas exposições de Piladelphia, Paris e Rio de Janeiro
com medallas de prata e menções honrosas

35 A 39, PRAÇA DO COMMERCIO, 35 A 39

— AVEIRO —

JOSÉ DOS SANTOS GAMELLAS & FILHO chamam a attenção dos seus
freguezes e do publico em geral, para o extraordinario sortimento de diffe-
rentes artigos, que acabam de receber directamente das principaes casas de
Londres, Allemanha, Suissa, Paris, Bordeus e Lisboa, e que vendem a pre-
ços sem competidor, em virtude das suas relações com as primeiras casas
d'aqueles paizes.

QUEIJOS, Roquefort, Londrino, Gruyer, Prato, Papel e Flameugo. Conservas Inglezas,
Francezas e Nacionaes, em frascos. Leite condensado, dos Alpes. Manteiga Ingle-
za e Normanda em latas e barris. Passas de Malaga. Gelatina branca e vermelha.
Biscoitos Inglezes Francezas e Nacionaes. Pastilhas de hortelã pimenta. Farinhas
de Maizena Seruy, Tapioca, Cevadinha, Ervilha. Fava, Batata, Sagú e Perles da Nizam.
Alcapárras em frascos. Mostarda em pó e preparada. Julienne em pacotes. Champignons
e Trutas em latas. Lagosta Ingleza e Salmao em latas. Presuntos Inglezes, Allemaes, do
Lamego e Melgaço. Figos Inglezes em caixinhas. Doce de Goyaba do Brazil, em latas.
Cocos muito frescos. Fructas de todas as qualidades em compóta, seccas e cristalisadas.
Marmelada Franceza em latas e em quartos.—Carne assada. Carneiro com Ervilhas, com
feijão, guizado. Mão de Vacca. Costelletes de Vitella. Lingua de Fricassé. Massa de toma-
te. Ervilhas. Couve flor. Broculos. Repolho e Grellos, tudo em latas.—Salame de Italia e
Lion. Doce da Gilla em latas, de Laranja em lindos bolões de porcelana. Doce de especie
muito fino, das melhores confeitarias de Paris. Sardinhas de Nantes. Fructas do Brazil
em latas. Ditas em caixinhas de phantasia. Rebuçados Francezes. Pastilhas de Gelatina
e Gomma Arabica. Choclates Francezes e Hespanhoes. Chá, Café e Arroz de todas as
qualidades. Azeitona d'Elvas e de Sevilha. Geleia em copos. Queijadas de Cintra, da
Sapa, Pasteis do Coco, Bros do Natal. Morcellas d'Arouca. Unto de pingue Italiano. Man-
teiga de Cintra, e d'Arouca. Uma variedade extraordinaria de Licores, Cognacs, e bebi-
das de todas as qualidades. Vinhos de Champagne, Bordenus, Jerez, Madeira, Porto, Bu-
cellas, Colares, Carcavellos e Alemtejo. Assucaros Allemaes Inglezes e da Ilha da Madei-
ra, cristalisados, finos e areados. Laranjinha do Paraty. Pudins economicos em dois mi-
nutos, de 1/2 kilo, a 50 réis!!! Pimentinhas em frascos. Queijo da Serra de Estrella e de
Niza. Chourigo e Paio de Lamego e Castello de Vide. Mexilhão e Ovos molles em latas.

**Papeis de todas as qualidades e objectos para escriptorio
Surpresas e brinquedos para creanças. E muitissimos outros ar-
tigos, que seria impossivel enumerar.**

**N. B. — Enfeitam-se taboleiros pelos systemas das confeita-
rias de Paris e Lisboa.**

José dos Santos Gamellas & Filho

Bibliotheca Romantica Portuense

ANNA BOLENA

POR

D. RAMON DE LUNA

Magnifico romance historico de uma familia maldita, ornado
com 24 excellentes gravuras de pagina

No Porto distribue-se semanalmente um fasciculo de 48 paginas e uma gravura, pelo
modico preço de 60 réis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Para as provincias a remessa é feita quinzenalmente aos fasciculos de 88 paginas
e uma gravura, custando cada fasciculo 120 réis, franco de porte, pago adiantadamente.

Já está em distribuição o primeiro e segundo fasciculo, contendo duas excellen-
tes gravuras representando Carlos V e Diana de Poitiers.

Os srs. assignantes recebem como brinde um magnifico almanach litterario para
o anno de 1885.

Assigna-se na Bibliotheca do «Cura de Aldeia», rua do Almada n.º 215 e em to-
das as livrarias.

A correspondencia para esta publicação deve ser dirigida ao administrador da
Empresa—Alvarim Pimenta, rua de Santo Ildefonso 394—Porto.

ANIMAES BRAVOS VIVOS

De todas as especies, compra a Sociada-
de do Jardim Zoologico e d'Accuminação. Of-
ferta com a descripção e preços incluindo
transportes até Lisboa, accita o

Director-Gerente

Dr. van der Laan

Largo do Rego, 9,—Lisboa

Empresa

INDUSTRIAL PORTUGUEZA
CONSTRUÇÕES NAVAES COMPLETAS
Fundicção de cannos, columnas e
vigas por preços limitadissimos
CONSTRUÇÃO DE COFRES
PROVA DE FOGO

Construção de Caldeiras

A EMPRESA industrial portugueza, actu-
al proprietaria da officina de construcções
metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da
fabricação, fundição e collocação, tanto em
Lisboa e seus arredores como nas provincias,
ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaes-
quer obras de ferro ou madeira, para con-
strucções civis, mechanicas ou maritimas.

Accita portanto encomendas para o
fornecimento de trabalhos em que predomi-
nem estes materiaes, taes como telhados,
vigamentos, culpas, escadas, varandas, mas-
cunas a vapor e suas caldeiras, depositos
para agua, bombas, veios e rodas para trans-
missão, barcos movidos a vapor completos,
estufas de ferro e vidro, construcção de cofre-
a prova de fogo, etc.

Para a fundição de columnas, cannos e vi-
gas tem estabelecido preços dos mais resun-
didos, tendo servido em deposito grandes
quantidades de cannos de todas as dimen-
sões.

Para facilitar a entrega das pequenas en-
comendas de fundição tem a EMPRESA um
deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 20,
do aterro, onde se encontram amostras e pa-
trões de grandes ornatos e em geral o neces-
sario para as construcções civis, e onde se
admitta quaesquer encomendas de fundição

Toda a correspondencia deve ser dirigida
à EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA,
Santo Amaro.—LISBOA.

CARTILHA DO POVO

ESTÁ publicada a 3.ª edição d'este in-
teressante livrinho de propaganda repu-
blicana.

Os pedidos devem continuar a ser diri-
gidos para Coimbra ao editor da *Cartilha
do Povo*, rua do Corpo de Deus, 83.

Preço 20 réis.

EMPREZA

NOITES ROMANTICAS

OS CIGANOS DA REGENCIA

POR

XAVIER DE MONTEPIN

Illustrada com lindas e magnificas gravu-
ras de F. Pastor.

Cada caderneta de 5 folhas ou 4 e uma
estampa, por semana custa 50 rs.

Brinde á sorte pela extracção da 1.ª lote-
ria portugueza que tiver logar em seguida
á conclusão do quarto volume:

Uma inscrição de—100\$000.

Correspondente em Aveiro, Caetano Joa-
quim d'Azevedo, R. Direita.

Photographia

JOSÉ BERNARDES DA CRUZ

82, RUA DIREITA, 82

Retratos — PETIT-PROME

DNAE—a 600 réis a duzia.

Typ. do POVO DE AVEIRO
AVEIRO